

Texto e interação em contexto digital

Text and interaction in a digital context

Mônica Magalhães CAVALCANTE (UFC)
monicamco2@gmail.com

Isabel MUNIZ-LIMA (UFAL)
isabelmunizlima@gmail.com

Recebido em: 20 de jan. de 2022.
Aceito em: 02 de mar. de 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MUNIZ-LIMA, Isabel. Texto e interação em ambiente digital. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2419, p. 1-17, outubro/2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2419.

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de consideração do fenômeno da interação tendo em vista algumas práticas textuais que se realizam em contexto digital. Neste trabalho, assumimos, com Paveau (2017), a importância de observar o fenômeno da interação numa perspectiva pós-dualista, que considera intrínseca a relação entre fatores tecnológicos e linguageiros nas produções textuais em ambiente digital on-line. Com base na atual perspectiva de texto da LT (CAVALCANTE *et al.*, 2019), revisitamos o fenômeno da interação, propondo que ele seja compreendido como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos configurado a partir de um conjunto de fatores tecnológicos e linguageiros.

Palavras-chave: Texto. Interação. Gênero. Contexto Digital.

Abstract: This paper presents a proposal to consider the phenomenon of interaction in view of some textual practices that take place in a digital context. In this paper, we assume, with Paveau (2017), the importance of observing the phenomenon of interaction in a post-dualist perspective, which considers intrinsic the relationship between technological and linguistic factors in textual productions in online digital environment. Based on the current LT perspective of text (CAVALCANTE *et al.*, 2019), we revisit the phenomenon of interaction, proposing that it should be understood as a process of co-construction of meanings between human and/or non-human interlocutors configured from a set of technological and linguistic factors.

Keywords: Text. Interaction. Genre. Digital context.

Introdução

A Linguística Textual (doravante LT) tem assumido seu objeto teórico, o texto, numa perspectiva plurissemiótica (CAVALCANTE ET AL., 2019), de modo que o texto, como evento comunicativo multimodal, necessariamente precisa ser compreendido tendo em vista não só as semioses escrita e oral, mas também a imagética, a gestual e a sonora. Dado o pressuposto de que o texto acontece como evento *na interação*, motivou-nos retomar a concepção de interação e propor uma reflexão que se aproxime da atual concepção de texto da LT e que possa contemplar práticas tecnolinguageiras (isto é, aspectos languageiros e tecnológicos constroem sentidos na interação) em contexto digital.

Tal necessidade de revisão da noção de interação se intensificou quando a LT passou a compreender, com Paveau (2017), a importância de ultrapassar, nos estudos da linguagem, uma visão logocêntrica, na qual humano e máquina são considerados como elementos assimétricos ou opostos, e assumir uma postura pós-dualista, que busque observar os elementos languageiros e os fatores tecnológicos que configuram a interação em integração, ou seja, como igualmente importantes na investigação da construção de sentidos dos textos.

Neste artigo, discutimos a atual noção de texto da LT, sobretudo com base em Cavalcante et al. (2019), e propomos, numa perspectiva textual, uma noção de interação e um conjunto de aspectos tecnolinguageiros que contribuam para observar o fenômeno da interação em contexto digital. Nossa proposta é que o fenômeno da interação em contexto digital seja observado tendo em vista as características do texto e da organização dos gêneros em agrupamentos ou compósitos (CAVALCANTE; MUNIZ-LIMA, 2021).

O conceito de texto e o fenômeno da interação em contexto digital

Em Cavalcante et al. (2019), os autores se debruçam sobre as propriedades definidoras do texto como objeto de estudo da Linguística Textual (doravante LT) praticada no Brasil. De acordo com os autores, o texto é um enunciado que acontece concretamente como evento singular em uma situação enunciativa simulada e que comporta sistemas semióticos, compondo uma unidade de comunicação e de sentido:

Comungamos com o dialogismo bakhtiniano a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo, mas pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídos numa situação enunciativa imediata simulada, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez (CAVALCANTE *et al.*, 2019, p. 27).

O texto é, portanto, um evento, pois acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepetível, de modo que, um mesmo texto produzido ou lido em situações enunciativas distintas pode se encaminhar para sentidos igualmente distintos, em função de inúmeros aspectos da interação. À LT, nessa perspectiva, cabe investigar as regularidades que aproximam essas realizações únicas de cada texto no contexto sócio-histórico no qual se inscreve.

A LT vem defendendo, portanto, uma equivalência entre texto e enunciado a partir de uma leitura de Bakhtin. Ao definir gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciado, Bakhtin nos evidencia que o gênero é composto de padrões relativamente estáveis de textos, o que nos permite, portanto, equiparar texto a enunciado. Ainda numa perspectiva bakhtiniana, o objeto texto assume também o princípio do dialogismo, tendo em vista que todo texto é constitutivamente intertextual, na medida em que sempre mantém relações com outros textos em determinado contexto sócio-histórico (BAKHTIN, 1997, p. 32). Essa concepção só reforça o caráter singular do texto, pois, como um acontecimento, ele será sempre único. Dessa forma, como menciona Cavalcante (2021), o texto não é dado a priori, ele é desvendado na interação, se construindo e evoluindo a cada momento.

Em Beaugrande (1997), temos uma noção de texto mais voltada a perceber um conjunto de estratégias que fariam o falante compreender e produzir sentidos: o texto deveria ser visto, segundo o autor, “como evento comunicativo para o qual convergem ações

linguísticas, cognitivas e sociais, e não apenas como uma sequência de palavras que foram proferidas ou escritas” (p. 10). A LT conserva a essência desse pensamento e considera a noção de texto como fenômeno multifacetado, o que nos impele a caracterizá-lo a partir de uma abordagem interacional-discursiva, sempre envolvendo os sistemas semióticos que se revelam na interação (CAVALCANTE, 2021).

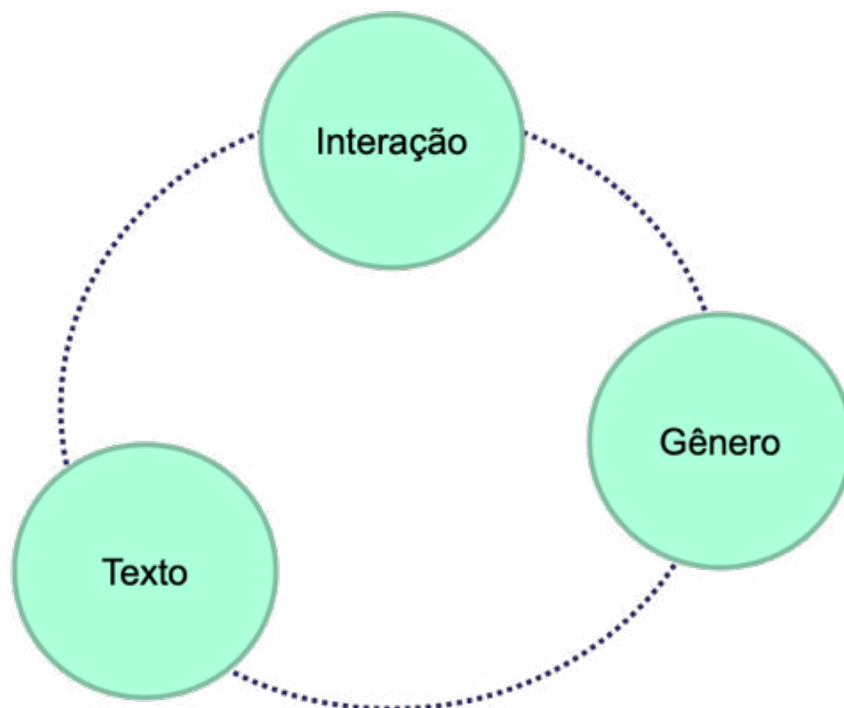
Para além do aspecto estritamente linguístico ou verbal, “o texto é hoje entendido como enunciado multimodal completo, único e irrepetível, que se conclui como unidade de comunicação e que é reconhecível por sua unidade de coerência em contexto” (CAVALCANTE; SILVA; SILVA, 2020, p. 36), de modo que devem ser observados outros meios de realização textual, como as semioses imagética, sonora e gestual em sua relação com aspectos de ordem tecnológica, que também interferem nos processos de construção de sentidos entre interlocutores, sobretudo em contexto digital. Para Koch (2015), o texto precisa ser observado na interação, pois, segundo a autora, ele é “considerado o próprio lugar da interação” (p. 44). Sendo assim, não podemos nos furtar da tarefa de revisar o fenômeno da interação propondo uma abordagem que também evolua em paralelo ao objeto de estudo da LT.

Como já dissemos, o texto acontece como evento em uma interação, e ele se materializa por meio dos gêneros, assumidos neste trabalho como uma “forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 1997, p. 302), que se diferencia de outros gêneros pela forma composicional, pelo tipo de conteúdo temático e pelo estilo. Esses padrões textuais, conforme assinala Koch (2016), sofrem determinação das práticas sociais, dos participantes dessas práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos comunicativos. No ambiente digital, o gênero adquire especificidades que precisam ser consideradas em relação aos aspectos que interferem na interação.

Marcuschi (2010a), em obra organizada por Dionísio, Machado e Bezerra, menciona que os gêneros “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” e “se caracterizam muito mais por suas funções sociocomunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (p. 19, 20). Para Marcuschi, os gêneros circulam em esferas da atividade humana e se configuram tendo em vista os seguintes aspectos: “ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade” (p. 25). À medida, portanto, que os contextos sócio-históricos se modificam,

modificam-se também os gêneros produzidos neles e as formas como esses padrões textuais se organizam. Nesse sentido, a observação da interação numa perspectiva textual estará sempre condicionada à relação estreita entre interação, texto e gênero:

Figura 1 – Relação entre interação, texto e gênero

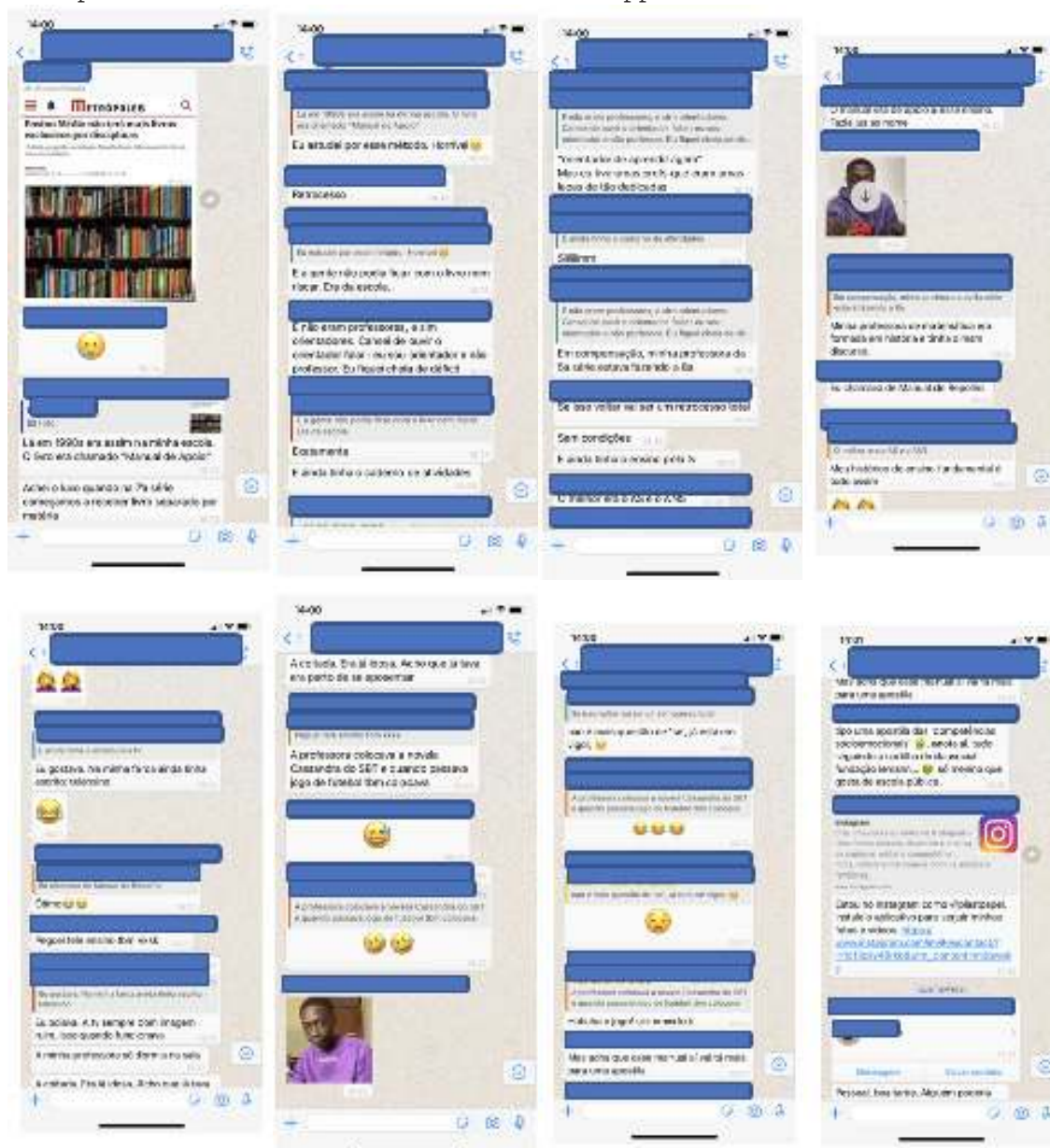


Fonte: elaborado pelas autoras.

Se tomamos texto como um evento singular, que compõe uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, que acontece em uma interação, materializado por meio de gêneros, observar esses fenômenos, não de maneira hierárquica, mas numa relação de dependência e associação, é indispensável para que não percamos de vista as trilhas de sentido que se revelam, no caso mais específico desta investigação, em contexto digital. Nossas primeiras observações da relação texto/interação já mostravam que, em alguns casos, os limites do texto coincidiam com os limites da própria interação¹:

¹ As reflexões apresentadas neste trabalho são fruto de discussões do grupo Protexto, desenvolvidas na tese de Isabel Muniz Lima, sob orientação da professora Mônica Magalhães Cavalcante.

Exemplo 1 – Os limites do texto na mídia WhatsApp



Fonte: cópias de tela em grupo de WhatsApp das autoras.

Nessa sequência de cópias de tela, há uma interação que inicia quando um dos interlocutores encaminha para os membros de um grupo na mídia WhatsApp uma notícia de jornal cuja manchete diz “Ensino Médio não terá mais livros exclusivos por disciplinas”. Como observamos na sequência de mensagens após a postagem dessa notícia, os interlocutores iniciam uma discussão sobre a importância dos livros e sobre métodos de ensino e aprendizagem que fizeram parte das vivências de cada um. Os interlocutores dão continuidade à conversa até o momento em que ninguém mais comenta sobre o assunto, encerrando o texto e a interação. Cavalcante et al. (2019) defendem que

o texto possui começo, meio e fim, de modo que, quando uma interação acaba, o texto termina, igualmente, por findar, como evidenciado nesse exemplo.

Interação como processo de coconstrução de sentidos

A literatura em torno da concepção de interação é fortemente arraigada a uma perspectiva sociológica, sobretudo influenciada por Goffman, que relaciona interação a trocas face a face entre emissor e receptor em copresença físico-espacial. Para Goffman, a compreensão do cenário físico e da presença imediata do outro são pressupostos fundamentais, tendo em vista que, entre seus objetivos, estava a compreensão das relações culturais de algumas comunidades a partir dos diálogos face a face que os participantes realizavam.

Nesse sentido, as brigas de soco, os jogos de cartas, as relações sexuais e quaisquer outras formas de ação de um indivíduo sobre outro em contexto imediato face a face são tomadas, em Goffman, como situações de interação. Essa é uma abordagem muito relacionada à própria acepção etimológica do termo, que se alinha à ideia de troca entre um elemento e outro. Nessa perspectiva, porém, pode resvalar uma ideia, da qual nos afastamos, de que a interação seria uma relação bidirecional estável e que ocorre apenas em situações dialogais face a face.

Muito alinhados com Goffman estão os estudiosos da análise da conversação, principalmente os trabalhos de Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992) e Vion (1992). Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992) defende que o termo seja entendido como um processo de transmissão de informações mútuas que se estabelece entre dois ou mais atores graças a uma configuração que envolve sinais multicanais, como gestos e expressões faciais. De maneira semelhante, Vion (1992) propõe que a interação seja compreendida como toda ação conjunta, conflituosa e/ou cooperativa, em que dois ou mais atores estão em presença. Com esses dois autores, a interação se mantém muito relacionada aos processos de construção de sentidos que se dão face a face.

No âmbito da LT, Koch (2016) defende que a interação é um processo intrinsecamente relacionado à produção dos textos e associa o termo à ideia de atuação sobre o outro, por meio de ações verbais. Marcuschi (2010), por sua vez, relaciona a noção de interação à ideia de comunicação, ao utilizar expressões, como formas comunicativas,

práticas comunicativas, atividades comunicativas ou, ainda, como formas de produção textual-discursiva para fins comunicativos. Mesmo que o foco desse autor sejam as interações ditas orais e escritas, Marcuschi nos ajuda a perceber a importância de observar o texto em interação, considerando as características dos gêneros.

Ao explicar como se dá a comunicação, Jakobson (1963) propõe um esquema, adaptado da teoria da informação, no qual o emissor direciona uma mensagem ao interlocutor através de um sistema comunicativo verbal que se dá por meio de um código em dado contexto. Esse esquema pode nos levar a uma interpretação equivocada de que os envolvidos numa comunicação trocam informações corretamente codificadas e unívocas sobre determinado objeto. Kerbrat-Orecchioni (2021) faz uma crítica detalhada a esse esquema enfatizando a importância de considerar os “vários parâmetros extralinguísticos” e investigar como a mensagem é referenciada (p. 246).

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2020), a ideia de que toda comunicação envolve uma “troca” verbal “é às vezes criticada por ser ideologicamente suspeita e influenciada por uma certa visão da circulação de mercadorias como ela funciona em uma economia de mercado” (p. 221). Na realidade, essa ideia não seria possível tendo em vista que, como menciona a pesquisadora, o próprio código é heterogêneo, de modo que não é possível falar em “comunicação bem-sucedida”, pois há sempre mal-entendidos e contrassensos numa interação. Na perspectiva da LT, o fato de que estamos sempre diante de textos, entendidos como eventos comunicativos únicos e irrepetíveis, nos impede de pensar o esquema de Jakobson como um circuito fechado e homogêneo. Defendemos que a interação, de outro modo, precisa ser observada como um processo, que se desenvolve e progride a cada vez que os interlocutores se envolvem na construção de sentidos.

Nas ciências da comunicação, área que tradicionalmente se ocupa do estudo das interações com máquinas e mídias, as noções de interação e comunicação possuem uma distinção específica e nos ajudam a observar de modo mais amplo as trocas em contexto digital. Pesquisadores, como Jensen (1998), consideram que a interação se dá quando há engajamento ativo e responsivo dos envolvidos na interação; e a comunicação seria mera transmissão de conteúdos, sem necessidade de resposta ativa ou engajamento efetivo por parte dos interlocutores. Assim, nessa perspectiva, é possível haver comunicação sem interação, mas nunca interação sem comunicação. Restringir a noção de interação

às situações em que os interlocutores de fato trocam de turno ou se engajam efetivamente excluiria dessa concepção os casos de interação que ocorrem, por exemplo, quando lemos um romance ou um artigo científico.

Para Jensen (1998), as interações que ocorrem por meio do computador seriam uma ilusão de comunicação face a face, ou um simulacro de dar e receber conversacional numa intimidade à distância. Embora concordemos com a ideia de que toda interação é um simulacro ou uma encenação na tentativa de influenciar o outro, a ideia de mediação ainda nos coloca numa perspectiva de oposição entre homem e máquina, impedindo-nos de observar o fenômeno numa perspectiva integrada. Além disso, vale destacar que, no século XXI, os processos de construção de sentidos em contexto digital adquiriram novos suportes e novas mídias, o que, a nosso ver, estabelece um distanciamento muito amplo com as interações dialogais face a face presenciais e adquire identidade própria, de modo que a analogia conceitual de Jensen não nos parece mais suficiente para dar conta da configuração desse fenômeno nos contextos digitais, sobretudo aqueles que envolvem a internet. O que nos parece interessante na observação do fenômeno da interação na área da comunicação é a proposta de se considerar a noção de interatividade, a qual diz respeito aos níveis de engajamento efetivo do interlocutor, observados quando a interação permite que os interlocutores participem da produção dos conteúdos, forneçam respostas rápidas e estabeleçam trocas dialogais. Em interações com mídias, como Facebook e Instagram, há altos níveis de interatividade, na medida em que o interlocutor é convocado para se engajar no processo de construção dos sentidos dos textos através das ferramentas de reação e compartilhamento de postagens.

Neste trabalho, propomos que a noção de interação seja compreendida em uma aproximação conceitual com Bakhtin, que define o fenômeno como um processo de construção de sentidos. Com essa decisão, englobamos todos os modos de interagir, sejam os casos mais poligeridos, em que os interlocutores participam ativamente da produção dos textos; sejam os casos mais monogeridos, em que apenas o locutor controla o que está sendo dito na interação. Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992 e 2005) afirma que o termo interação não deve ser considerado somente em relação à ideia de “oralizar sempre para alguém”, sob o risco de se reduzir o potencial teórico e descritivo do termo e, assim, impedir que sejam observadas características específicas de outras interações,

como aquelas que ocorrem sem troca de turno (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 16). Assumimos, portanto, que pensar interação como processo nos afasta de perspectivas mais estritas que observam esse fenômeno como simples troca de turnos e nos leva à observação do fenômeno na sua complexidade, percebendo um conjunto de características tanto linguageiras quanto tecnológicas.

Alguns estudos sociológicos e antropológicos em torno da interação já apontavam para a importância de se observarem aspectos “não verbais” das interações orais face a face, no sentido de identificarem que aspectos contribuem para a identificação de ironias, brincadeiras ou provocações. No contexto digital, de modo ainda mais amplo, estamos diante de uma multiplicidade de sistemas semióticos, e, por isso, observar não só as semioses oral e escrita, mas também a imagética (estática e dinâmica), a gestual e a sonora são fundamentais para a compreensão do que está sendo construído nessas interações. Portanto, uma investigação que busca dar conta do fenômeno da interação em contexto digital e que compreende texto como evento comunicativo multimodal precisa considerar aspectos de ordem verbal e não verbal.

De modo mais amplo, portanto, propomos que a noção de interação seja entendida como um processo de coconstrução de sentidos, que se dá entre interlocutores humanos e/ou não humanos e que sofre interferência de um conjunto de aspectos. Para ser compreendida de um modo mais global, uma noção de interação que se alinhe à atual perspectiva da LT sobre o texto e que busque contemplar o contexto digital precisa considerar um conjunto de aspectos não só linguageiros, mas também tecnológicos.

A configuração da interação em contexto digital

Neste tópico, propomos refletir sobre alguns aspectos que interferem na configuração do fenômeno da interação em contexto digital. O primeiro fator que deve ser considerado como característica dessas interações tem relação com a ideia de encenação proposta em Goffman. O sociólogo menciona que toda interação é sempre encenada, pois se dá num processo de representação de papéis. A LT também se vale dessa ideia e, como confirmam Cavalcante et al (2019) –, compreende que o universo textual cria uma encenação, e que nunca é possível atingir o ser humano “fisiológico” ou empírico.

Em todas as interações, há sempre uma investida para influenciar, causar um sentimento, estimular uma reação, ou ao menos predispor o outro a uma determinada ação (CAVALCANTE ET AL., 2020), na tentativa de modificar, reorientar, ou reforçar a visão das coisas da parte do interlocutor (AMOSSY, 2011, p. 130). Por isso defendemos uma noção de interação que assume o fenômeno não como sendo vinculado ao ser no mundo real, em sua existência empírica, mas como um processo sempre encenado.

Ainda sobre essa perspectiva de Goffman, vale retomar sua noção de enquadre, isto é, atividade encenada pelos participantes na interação, que envolve a observação de expressões corporais (gestos e expressões faciais) para que se compreenda como acontece o engajamento dos participantes em uma situação face a face. No contexto digital, a negociação de sentidos nas interações se dá numa configuração tecnolinguageira, na qual os sistemas semióticos estão atrelados às características, por exemplo, do tipo de mídia envolvido:

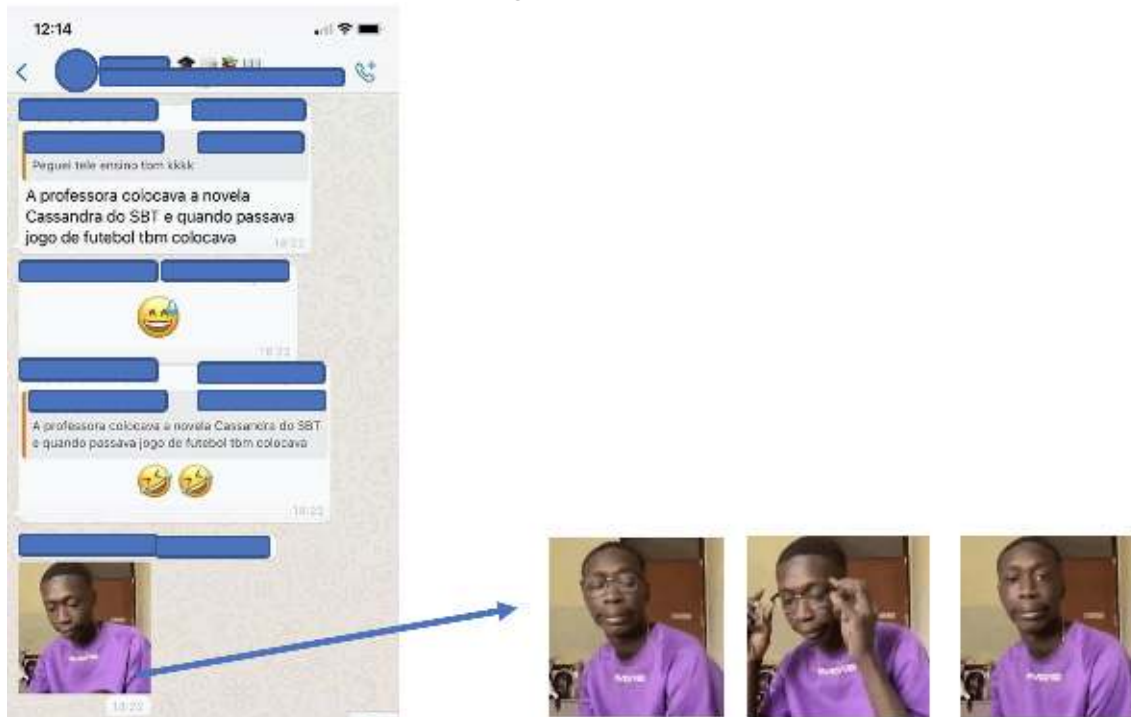
Exemplo 2 – Os sistemas semióticos imagético estático e sonoro no WhatsApp



Fonte: cópia de tela no WhatsApp das autoras.

Nesse exemplo, observamos tanto a presença da semiose escrita (“Boa tarde”), quanto a presença de recursos imagéticos e sonoros. O interlocutor encaminha uma cópia de tela, em formato de imagem estática, de uma notícia compartilhada no *feed*, ou na página principal, do *Instagram* de um jornal. Em seguida, o interlocutor compartilha um arquivo de áudio e os interlocutores escolhem, por meio do gesto do clique no símbolo da seta para baixo, se querem ou não ouvir o áudio. Neste outro exemplo, os interlocutores utilizam não só recursos imagéticos estáticos, como os emojis 🤔 e 🤔, mas também recursos imagéticos dinâmicos, como o GIF animado, em destaque nesta cópia de tela:

Exemplo 3 – O sistema semiótico imagético dinâmico no *WhatsApp*



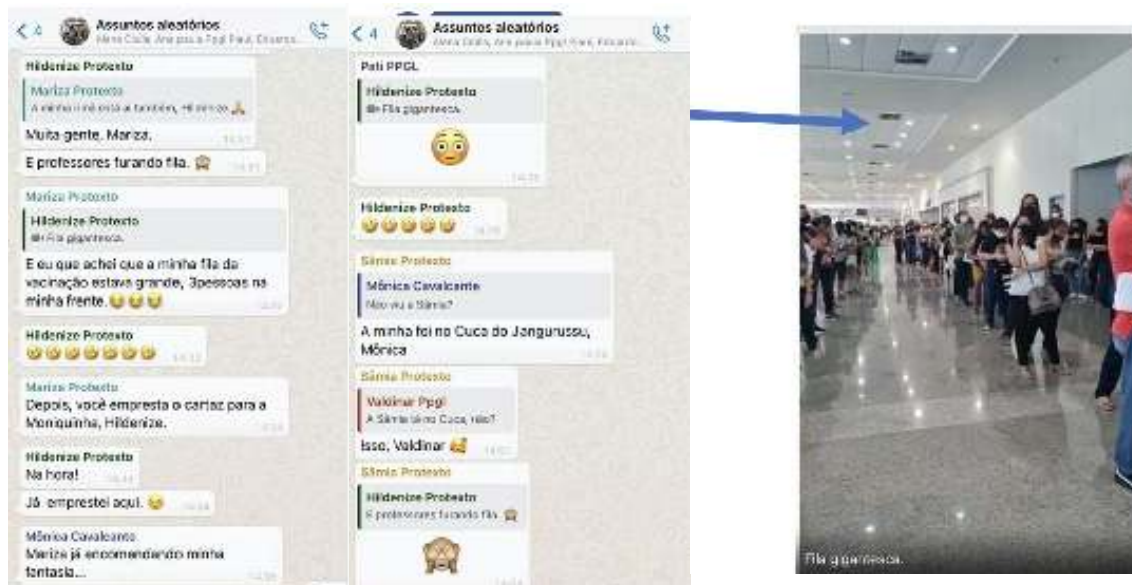
Fonte: cópia de tela no WhatsApp das autoras.

Esse formato permite que imagens grandes sejam baixadas em menor tempo. Os GIFs animados ficaram muito famosos, pois permitem que várias imagens sejam compactadas e usadas como pequenas animações. No exemplo acima, apresentamos uma sequência de imagens estáticas para ilustrar alguns quadros do GIF. No processo de interação que ocorreu nesse grupo de *WhatsApp*, a apresentação da imagem dinâmica foi fundamental para a compreensão dos sentidos. O GIF apresenta Khaby Lime, um jovem que viralizou nas mídias on-line, inicialmente no *Tik Tok*, por simplificar certas astúcias vistas como

complexas pelos interlocutores, tornando-se, assim, uma espécie de símbolo de algo que é considerado uma constatação simples e evidente, e uma marca de deboche ou desaprovação quanto a determinado assunto. Nesse exemplo, temos um trecho de uma interação em que se discutia sobre o tele-ensino e a dificuldade que o método podia apresentar para alunos e professores. Uma das trilhas de sentido que podemos construir observando esse GIF é o de representar o sentimento de desaprovação do interlocutor em relação ao tele-ensino. As interações com a mídia WhatsApp trazem ainda muitos outros exemplos produtivos para percebermos a importância de observar semioses como a imagética.

Como vimos, Goffman menciona que as interações dialogais face a face são configuradas pelo tipo de vocabulário utilizado pelos participantes, pelos objetivos comunicativos e também pelos aspectos que revelam constrangimento, como o enrubescimento, os balbucios, o gaguejar, entre outros. Em interação com mídias, como o WhatsApp, essas características mencionadas por Goffman também fazem parte da caracterização das interações, porém assumem realizações por meio da multissemiose própria do contexto digital on-line:

Exemplo 4 – Multissemiose na mídia Instagram



Fonte: cópia de tela no WhatsApp das autoras.

Nesse exemplo, há três cópias de tela: a primeira indica trecho de conversa em um grupo de *WhatsApp*; a segunda é a sequência dessa conversa; a terceira é um quadro do vídeo “Fila gigantesca” compartilhado por um dos interlocutores durante essa interação. Nesse recorte, os interlocutores estavam compartilhando suas experiências

sobre a vacinação contra covid-19. Observamos o uso dos emojis 🤔 e 🐶, os quais costumam ser utilizados para indicar vergonha ou desaprovação em relação a determinado assunto. Nesse exemplo, os assuntos se atravessam ao longo da mesma interação: enquanto alguns interlocutores comentam sobre o cartaz que um deles utilizou durante a vacinação, “Depois, você empresta o cartaz para a Moniquinha, Hildenize”, “Na hora!”, “Já emprestei aqui 😊”, “Mariza já encomendando minha fantasia...”; outros respondem diretamente o vídeo “Fila gigantesca”, por meio de recurso disponível na mídia:

Exemplo 5 – Uso de vídeo em respostas no *WhatsApp*



Fonte: cópia de tela no *WhatsApp* das autoras.

Ao clicar em “Responder”, o interlocutor tem a possibilidade de apresentar uma reação direta ao vídeo que foi postado por um dos participantes do grupo. Dessa forma, no mesmo espaço de interação, muitos assuntos podem se sobrepor e caminhar juntos, sem grandes problemas de compreensão. Com isso, queremos evidenciar a importância de se observar a interação tendo em vista aspectos languageiros, como as imagens estáticas e dinâmicas, e tecnológicos, como a mídia e seus recursos.

Pleiteamos, portanto, numa perspectiva textual, que a interação seja compreendida, conforme já dissemos, como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece de diferentes modos em função de uma combinação de aspectos tecnolinguageiros, como o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos envolvidos. Esses aspectos atuam em relação direta com o texto e o gênero, numa integração na qual cada um dos elementos observados exerce, em paridade e não sobreposição, algum nível de influência na interação em contexto digital. É a observação de cada interação específica, tendo em vista como os textos acontecem e como os gêneros se materializam (inclusive, como dissemos, em um agrupamento cada vez mais comum) que vai nos permitir verificar os níveis maiores ou menores de interferência desses fatores em relação à configuração da interação em contexto digital.

Considerações finais

Nesta contribuição, pleiteamos considerar a interação como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos e observar esse fenômeno tendo em vista sua relação intrínseca com as características do texto e dos gêneros que se apresentam em contexto digital.

Com este trabalho, esperamos contribuir para o avanço de conceitos fundamentais no âmbito da LT e para a ampliação das possibilidades de análise de textos em contexto digital. Ao colocarmos no mesmo estatuto de importância analítica aspectos tecnológicos e fatores linguageiros para a observação da interação, estamos dando um passo importante para situar a LT nos estudos da linguagem de perspectiva pós-dualista. Em trabalhos futuros, analisaremos cada um dos fatores tecnolinguageiros propostos, evidenciando alguns modos de construir sentidos em contexto digital e refletindo sobre a pertinência de observar esses aspectos no ensino de Língua Portuguesa.

Referências

AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal** /

Mikhail Bakhtin. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. **New foundations for a science of text and discourse**: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood: Ablex publishing corporation, 1997.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos** - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p.25-39, set. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>>. Acesso em: 4 set. 2021.

CAVALCANTE, M. M.; SILVA, T. S.; SILVA, Y. W. Dimensões analíticas da Linguística Textual. In: LIMA, A. H. V; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. Modalidades argumentativas. Videoconferência apresentada por ocasião do **I Seminário de Apresentação e Integração do Programa de Pós-Graduação em Linguística**. Fortaleza: PPGLIN/UFC, 2021 [on-line].

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MUNIZ-LIMA, Isabel. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, p. 1- 21, set.-dez./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-32328. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2328>. Acesso em: jan. 2022.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada [1964]. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**. Paris: Les Éditions de minuit, 1963.

JENSEN, Jens. Interactivity: Tracking a New Concept in Media and Communications Studies. **Nordicom Review**, v. 12, n. 1, 1998.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**. Tome 1. Paris: A. Colin, 1990.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**. Tome 2. Paris: A. Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Le discourse en interaction. Paris: A. Colin, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. A problemática da enunciação. In: CAVALCANTE, M. M. ; BRITO, M. A. P (Org). **Texto, discurso e argumentação**: traduções. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010a.

PAVEAU, Marie-Anne. L'Analyse du Discours Numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.

VION, R. **La communication Verbale. Analyse des interactions**. Paris: Hachette Supérieur, 1992.